

## DEUS

Nas horas de silêncio, à meia-noite,  
Eu louvarei o Eterno!  
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,  
E os abismos do Inferno.  
Pela amplidão dos céus meus cantos soem,  
E a Lua resplendente  
Pare em seu giro, ao ressoar nest'harpa  
O hino do Onnipotente.

Antes de tempo haver, quando o infinito  
Media a eternidade,  
E só do vácuo as solidões enchia  
De Deus a imensidade,  
Ele existia, em sua essência envolto,  
E fora dele o nada:  
No seio do criador a vida do homem  
Estava ainda guardada;  
Ainda então do mundo os fundamentos  
Na mente se escondiam  
De Jeová, e os astros fulgurantes  
Nos céus não se volviã.

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento  
Das mãos solta o Senhor.  
Surge n Sol, banha a Terra, desabrocha  
Nesta a primeira flor;  
Sobre o invisível eixo range o globo;  
O vento o bosque ondeia;  
Retumba ao longe o mar; da vida a força  
A natureza anseia!

Quem, dignamente, ó Deus, há-de louvar-Te,  
Ou cantar Teu poder?  
Quem dirá de Teu braço as maravilhas,  
Fonte de todo o ser,  
No dia da Criação; quando os tesouros  
Da neve amontoaste;  
Quando da Terra nos mais fundos vales  
As águas encerraste?!

E eu onde estava. quando o Eterno os mundos,  
Com dextra poderosa,  
Fez, por lei imutável, se livrassem  
Na mole ponderosa?  
Onde existia então ? No tipo imenso

Das gerações futuras;  
Na mente do meu Deus. Louvor a Ele  
Na Terra e nas alturas!  
Oh, quanto é grande o rei das tempestades,  
Do raio, e do trovão!  
Quão grande o Deus, que manda, em seco estio,  
Da tarde a viração!  
Por Sua providência nunca, embalde,  
Zumbiu mínimo insecto;  
Nem volveu o elefante, em campo estéril,  
Os olhos inquieto.  
Não deu Ele à avezinha o grão da espiga,  
Que ao ceifador esquece:  
Do norte ao urso o sol da Primavera,  
Que o reanima e aquece?  
Não deu Ele à gazela amplos desertos,  
Ao certo a amena selva,  
Ao flamingo os pauis, ao tigre o antro,  
No prado ao touro a relva?  
Não mandou Ele ao mundo, em luto e trevas,  
Consolação e luz?  
Acaso em vão algum desventurado  
Curvou-se aos pés da Cruz?  
A quem não ouve Deus? Somente ao ímpio  
No dia da aflição,  
Quando pesa sobre ele, por seus crimes.  
Do crime a punição.

Homem, ente imortal, que és tu perante  
A face do Senhor?  
És a junça do brejo, harpa quebrada  
Nas mãos do trovador!  
Olha o velho pinheiro, campeando  
Entre as neves alpinas:  
Quem irá derribar o rei dos bosques  
Do trono das colinas?  
Ninguém! Mas ai do abeto, se o seu dia  
Extremo Deus mandou!  
Lá correu o aquilão: fundas raízes  
Aos ares lhe assoprou.  
Soberbo, sem temor, saiu na margem  
Do caudaloso Nilo,  
O corpo monstruoso ao sol voltando,  
Medonho crocodilo.  
De seus dentes em roda o susto habita:  
Vê-se a morte assentada  
Dentro em sua garganta, se descerra  
A boca afogueada:

Qual duro arnês de intrépido guerreiro  
É seu dorso escamoso;  
Como os últimos ais de um moribundo  
Seu grito lamentoso:  
Fumo e fogo respira quando irado;  
Porém, se Deus mandou,  
Qual do norte impelida a nuvem passa,  
Assim ele passou!

Teu nome ousei cantar! Perdoa, ó Nume;  
Perdoa ao teu cantor!  
Dignos de ti não são meus frouxos hinos,  
Mas são hinos de amor.  
Embora vis hipócritas te pintem  
Qual bárbaro tirano:  
Mentem, por dominar com férreo ceptro  
O vulgo cego e insano.  
Quem os crê é um ímpio! Recear-te  
É maldizer-te, ó Deus;  
É o trono dos déspotas da Terra  
Ir colocar nos Céus.  
Eu, por mim, passarei entre os abrolhos  
Dos males da existência  
Tranquilo, e sem temor, à sombra posto  
Da Tua Providência.